

ENSINO HÍBRIDO E NOVAS PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM

Antônio Alves de Carvalho¹
Hugo de Andrade Silvestre²
Juraci da Rocha Cipriano³
Marcos André Ribeiro⁴
Marcos Flavio Portela Veras⁵
Márcio Dourado Rocha⁶
Mariana Rezende Maranhão⁷
Mariane Morato Stival⁸
Regiane Janaína Silva de Menezes⁹
Renzo Nery¹⁰

RESUMO

Este texto tem o propósito de apresentar a discussão em torno da emergência do Ensino Híbrido no ensino superior e suas perspectivas. Diante de uma geração de estudantes inseridos num mundo digitalizado e fácil acessibilidade, algumas estratégias de ensino-aprendizagem começam a ser questionadas acompanhando as mudanças sociais. Por meio de alguns relatos de professores do curso de Relações Internacionais e aportes teórico-metodológicos, é possível perceber alguns desafios que envolvem a implementação de novas metodologias e uso de tecnologias digitais. As perspectivas das inovações metodológicas parecem muito promissoras e envolvem o instigante desafio de transformar, cada vez mais, os acadêmicos em protagonistas do processo de construção do conhecimento. Para isso, as tecnologias digitais são imprescindíveis, potencializando o uso de dispositivos eletrônicos que se tornaram indispensáveis para a vida contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Híbrido. Inovações Metodológicas. Tecnologias digitais.

INTRODUÇÃO

Atualmente ganha força o modelo do Ensino Híbrido (*Blended Learning*) que já vinha sendo discutido como uma aposta para o futuro da educação superior, apresentando certa resistência na academia, por suscitar possíveis questões econômicas e políticas que poderiam ser nocivas para a qualidade do

¹ Mestre. Curso de Direito e Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: carualius@hotmail.com.

² Mestre. Professor em vários cursos da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: hugo.silvestre@unievangelica.edu.br

³ Mestre. Curso de Direito e Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: ciprianojuraci41@globo.com.

⁴ Especialista. Curso de Direito e Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: marckosribeiro@hotmail.com

⁵ Doutor. Professor em vários cursos da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: marcos.veras@unievangelica.edu.br

⁶ Mestre. Professor em vários cursos da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: marcioans@hotmail.com.

⁷ Doutora. Curso de Direito e Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: mariana.costa@unievangelica.edu.br

⁸ Doutora. Curso de Direito e Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: marianemoratostival@gmail.com.

⁹ Mestre. Professor em vários cursos da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: regianejmenezes@gmail.com

¹⁰ Mestre. Curso de Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. E-mail: renzonery@hotmail.com.

ensino. O fato de fomentar o uso e familiaridade com as tecnologias disponíveis, antecipa um processo já em curso de exploração de hábitos dos mais jovens com vistas a sua formação.

O mundo digital já é uma realidade entre os mais jovens e se acrescenta questões como autonomia, flexibilidade, interação, acessibilidade, entre outras marcas que acompanham essas mudanças e fazem surgir um modelo de educação que não pode mais ser centrado somente na exposição exaustiva do conhecimento, nem tampouco em sua completa desapareição.

É nesse contexto que ganha forma a aposta de alguns educadores no Ensino Híbrido, que embora já problematizado como um modelo que pode revelar outros interesses que não necessariamente implicam numa melhoria do ensino-aprendizagem, surge como uma forte tendência especialmente nas instituições privadas de ensino superior. A ideia não é ignorar possíveis deficiências no modelo, mas entender até que ponto pode ser uma estratégia relevante para atender as mudanças aceleradas que o mundo tem experimentado e que envolvem as formas de aprender e de ensinar.

Com base em relatos de experiências dos docentes do curso de Relações Internacionais da Universidade Evangélica de Goiás — UniEVANGÉLICA, associado a alguns aportes teórico-metodológicos, se analisa as perspectivas que o Ensino Híbrido apresenta como inovações metodológicas para o ensino superior no mundo contemporâneo. Inicialmente apresentamos os relatos mencionados destacando experiências docentes, bem como os desafios de sua implementação e prática. Em seguida, apresentamos uma discussão teórica que aborda a abordagem mencionada e suas características.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O ensino híbrido apresentou diversos desafios ao processo educacional, sendo o principal deles a necessidade abrupta de adaptação das metodologias de ensino, campo em que a UniEVANGÉLICA apresentou uma eficiente rapidez, tanto na contratação de conteúdos como no desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem para a intermediação dessa nova forma de ensinar.

Para as disciplinas relacionadas ao comércio internacional, no curso de Relações Internacionais, o ensino híbrido propiciou um atalho no que diz respeito ao acesso à portais públicos de comércio exterior, com destaque para o Siscomex e Ministério da Economia, onde os discentes puderam conviver com a prática das operações e in loco simular importações, exportações, investimentos e seu respectivo tratamento nas diferentes esferas tributárias e burocráticas exigidas.

A condição do ensino híbrido foi fundamental para o exercício das práticas de comércio exterior. O fato de os discentes estarem diante de uma ferramenta tecnológica de acesso à internet, seja o celular ou o computador, fez com que ele passasse da condição de mero observador, para o protagonista do processo, papel que ele exercerá na sua vida profissional, caso opte por esse campo de trabalho.

Na disciplina Cidadania, ética e espiritualidade as leituras são previamente compartilhadas pelo docente por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem, um espaço criado pela instituição no contexto da pandemia para os cursos presenciais como já compartilhado anteriormente. Isso possibilita acessibilidade, onde o discente pode se debruçar sobre o conteúdo e a flexibilidade de fazer isso no tempo e espaço de sua comodidade, pois acessar por um dispositivo como *smartphone* e ter o conteúdo na palma de mão.

Além dos conteúdos, os alunos são instigados a refletirem previamente sobre as temáticas a serem exploradas nas aulas presenciais por meio de atividades pré-aula e objetos de aprendizagem, podendo estes se apresentarem em diversos formatos como fluxogramas, vídeos do Youtube, linhas do tempo, entre outros. Tem sido uma experiência muito positiva para os alunos que conseguem se organizar para explorar tais atividades e objetos de aprendizagem, pois tem possibilitado uma inserção maior na discussão da aula presencial e o discente acaba sendo forçado a sair da condição de mero ouvinte para participante ativo, com resultados melhores na aprendizagem. Assim é possível perceber um aproveitamento melhor dos alunos que feito tal exercício em relação a outros alunos que acessam os conteúdos e exploram as atividades propostas.

Contudo, é necessário mencionar com base na experiência de vários professores que nem sempre os alunos têm conseguido responder às inovações propostas. Quando perguntados se fizeram as leituras e atividades respondem que trabalham e estudam, motivo que impossibilitam uma preparação prévia para as aulas presenciais. De fato, a realidade das instituições de ensino privadas é de um alunado que trabalha e estuda. Entretanto, em alguns casos se percebe uma postura ainda introjetada de passividade diante do processo de ensino-aprendizagem, uma lógica ainda focada na visão tradicional do professor como detentor de todo o conhecimento que precisa ser recebido por indivíduos que não sabem nada a respeito e atuam como meros coadjuvantes no processo.

Portanto, da mesma forma que as possibilidades que o Ensino Híbrido traz em sua proposta são interessantes e promissoras, há que se considerar seus desafios de quebra do paradigma anterior. Na prática docente o modelo proposto ainda está longe de ser uma proposta pedagógica consolidada. Os discentes ainda mantem a visão que o professor não é apenas um facilitador, mas o grande protagonista do processo ensino-aprendizagem.

DISCUSSÃO

De acordo com Valente (2015) a educação deverá passar pelo mesmo processo que já tem realizado mudanças significativas no sistema bancário, comércio, empresas ou outros que já incorporam recursos das tecnologias digitais em seus serviços e dinâmicas de funcionamento. Para oferecer mais autonomia aos seus clientes, os bancos interligaram o acesso a informação entre as suas agências e dão suporte para que os clientes realizem operações de suas próprias casas. O foco saiu do agente que oferece o serviço para o cliente, dando condições de fazer operações do local onde estiver e no horário mais conveniente. A educação, por sua parte, ainda reproduz o modelo centrado no professor e na sala de aula, sendo o fracasso ou sucesso do ensino-aprendizagem atribuído ao seu maior protagonista.

O ensino híbrido é a tentativa de implantar na educação o que foi realizado com esses outros serviços e processos de produção. A responsabilidade da aprendizagem agora é do estudante, que assume uma postura mais participativa, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos e, com isso, criando oportunidades para a construção de seu conhecimento. O professor tem a função de mediador, consultor do aprendiz (VALENTE, 2015, p.14).

Para Valente (2015) convencionou-se denominar ensino híbrido uma abordagem pedagógica que associa momentos presenciais e atividades com a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), tendo como foco principal o processo de aprendizagem do aluno e não a transmissão de conteúdos pelo professor. A ideia é que a sala de aula não seja um local de

transmissão de conteúdo, mas para discutir a resolução de problemas, participar de discussões e aprender ativamente. Não seria necessariamente o modelo de ensino superior em que parte das disciplinas são presenciais e outras on-line, que segundo a Portaria 2.117/2019 do Ministério da Educação e Cultura (MEC) pode chegar a 40%, mas uma nova forma de conceber a educação, onde o processo de ensino-aprendizagem ocorre de diferentes formas e espaços (BACICH; TREVISANI; TANZI NETO, 2015).

Segundo Moran (2015) o ensino híbrido pode ser definido como um modelo que mistura vários ingredientes para diversificar as possibilidades de aprendizagem, isso a partir da combinação espaços, tempos, recursos e pessoas distintas. Não se define necessariamente em virtude de TDIC, mas com vistas a promover uma abordagem mais personalizada, interativa, flexível, acessível e autônoma.

Este autor aponta três características marcantes de uma abordagem pedagógica híbrida. Primeira, foco no projeto de vida de cada aluno, ou seja, o estímulo a uma vida com sentido e útil ao contexto social em que está inserido, que valorize paixões, sonhos, talentos, que ao ser valorizado encontre motivação no desenvolvimento de uma trajetória significativa. Segunda, foco nos valores e competências, ou melhor, construção de uma visão integradora, ampla, capaz de conferir significados, fazendo o educando entender seu lugar na vida, em outras palavras, “a aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos em seu íntimo, quando eles acham sentido nas atividades propostas, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos criativos e socialmente relevantes” (MORAN, 2015, p.33). E terceira, o equilíbrio entre compartilhar e personalizar, a saber, o desenvolvimento de um processo que ao mesmo tempo que o conhecimento construído seja colaborativo, haja roteiros diferenciadores para cada indivíduo. “Em um mundo de tantas informações, oportunidades e caminhos, a qualidade da docência se manifesta na combinação do trabalho em grupo com a personalização, bem como no incentivo à colaboração entre todos e, ao mesmo tempo, à que cada um possa personalizar seu percurso” (MORAN, 2015, p. 38).

De acordo com Silva, Maciel e Alonso (2017) “uma importante característica do ensino híbrido é o fácil acesso às informações, em que o aluno aprende dentro de seu próprio ritmo e pode buscar conhecimento de acordo com suas próprias necessidades”. Esse argumento tem sido muito forte em virtude da tendência contemporânea de autonomia, flexibilidade de tempo e espaço, de personalizar cada vez mais as formas de acesso ao conhecimento. Corroborando com este pensamento Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) afirmam que:

(...) no contexto virtual — no qual a geração dos nossos alunos se encontra —, o mundo funciona a partir de princípios e lógicas não materiais, é descentrado e plano, o foco está na participação contínua dos indivíduos, no coletivo como unidade de produção, as competências são distribuídas e coletivas, e as relações sociais se dão nas mídias digitais, cada vez mais emergentes e visíveis (...) Pela facilidade de acesso à informação, novas formas de aprendizagem surgem, com conhecimentos sendo construídos coletivamente e compartilhados com todos a partir de um clique no mouse (p. 47, 48).

Horn e Staker (2015) utilizam o termo inovação disruptiva para expressar uma necessária ruptura nos padrões e modelos consolidados de educação, apresentando três argumentos centrais em favor do ensino híbrido: a personalização, o acesso e o controle de custos. Embora estejam pensando a escola no contexto americano, parece ser útil para pensar as novas tendências no ensino superior privado brasileiro. Sobre a personalização eles defendem que “(...) precisamos ser capazes de customizar —

ou personalizar — uma educação para as diferentes necessidades de aprendizagem de cada estudante” (p.32). Para eles um ensino-aprendizagem focado no estudante é basicamente a junção de ensino personalizado e aprendizagem com base em competências. A acessibilidade ao conhecimento se torna mais viável em virtude de a tecnologia abrir a possibilidade de vários caminhos para se chegar a um ponto comum que o modelo convencional dificulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma recente pesquisa intitulada “Sala de aula ou sala de casa — a nova realidade da educação” publicada pela Revista Pequenas Empresas e Grandes Negócios (2020) realizada pela área de Inteligência de Mercado da Globo e Instituto Toluna com 1.500 estudantes de ensino superior de diferentes regiões brasileiras revelou que 73% dos entrevistados acreditam que nos próximos anos o ensino vai mudar para o modelo híbrido. Mesmo que numa mudança bem processual, os recursos utilizados para manter o ensino durante a pandemia potencializam a emergência e consolidação desse novo modelo na educação superior brasileira.

Diante do exposto, uma nova abordagem pedagógica emerge como uma possibilidade de responder aos desafios contemporâneos, tentando estabelecer uma conexão com um contexto que demanda acompanhar as transformações sociais com a acentuação da individualidade, autonomia e flexibilidade. O ensino híbrido seria uma solução encontrada por instituições de ensino superior privadas para enfrentar os novos tempos, o que a pandemia do novo coronavírus parece ter fortalecido, fazendo muitos acreditarem que educação superior no Brasil após este período não será mais a mesma.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TRAVESANI, Fernando de Melo. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação** [Recurso Eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TRAVESANI, Fernando de Melo. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- REVISTA PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS. Pandemia deve fortalecer o ensino híbrido. [Revista Digital]: Editora Globo, 2020. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2020/09/pandemia-deve-fortalecer-o-ensino-hibrido-diz-pesquisa-com-jovens-brasileiros.html>. Acesso em: 02/10/2020.
- SILVA, Michele Rejane Coura da; MACIEL, Cristiano; ALONSO, Kátia Morosov. Hibridização do ensino nos cursos de graduação presenciais das universidades federais: uma análise da regulamentação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. v. 33, n. 1, p. 095 - 117, jan./abr. 2017.

SOUZA, Thamara Maria; CHAGAS, Alisson Moura; ANJOS, Rita de Cássia Araújo Abrantes dos. Ensino Híbrido: Alternativa de personalização da aprendizagem. **Revista Com Censo**. Estudos Educacionais no Distrito Federal. 22.ed., v. 6, n. 1, março de 2019.

VALENTE, José Armando. O ensino híbrido veio para ficar [Prefácio]. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TRAVESANI, Fernando de Melo. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 13-17.